

Considerações sobre a compreensão de história de Hannah Arendt

Considerations on Hannah Arendt's understanding of history

Consideraciones sobre la concepción de la historia de Hannah Arendt

Recebido: 13/01/2024 | Revisado: 22/01/2024 | Aceitado: 23/01/2024 | Publicado: 27/01/2024

Jaciel Rossa Valente

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0578-3051>

Universidade Federal do Paraná, Brasil

E-mail: jaciervalente@gmail.com

Resumo

O artigo em tela aborda a compreensão de história da pensadora Hannah Arendt na fase da *reconciliação com o mundo* que abrange entre 1952 a 1961. Selecionemos como fontes principais, os livros *A Condição humana*, de 1958 e *Entre o passado e o futuro*, de 1961. Ao passo que estabelecemos como problemáticas “qual é a compreensão de história de Arendt entre 1952 a 1961?” e “quais características compõem essa compreensão de história?”. Com isso, objetivamos “analisar, a partir das contribuições historiográficas levantadas das fontes, a compreensão de história de Hannah Arendt”. Optemos por três conjuntos de autores que julgemos interessantes para a discussão da temática. Primeiro, Reinhart Koselleck e Walter Benjamin; segundo, as biógrafas de Arendt; e terceiro, a fortuna crítica arendtiana no Brasil, em especial no campo da História. Já nosso quadro metodológico foi composto por empréstimos das categorias *ausgrenzung*, *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, teorizadas por Koselleck no âmbito da *Begriffsgeschichte* (história dos conceitos). Somadas a essas, agreguemos a perspectiva *estrato de experiência*, também de vertente *koselleckiana*, com o intuito de enriquecer nossa análise. Desse modo, nossa pesquisa desembocou na evidenciação da compreensão de história de Arendt como: a) necessidade de uma nova relação com o passado; b) formação da matéria factual como novidade; e c) a escrita da história como processo de reificação da *história real* em *narrada*.

Palavras-chave: Hannah Arendt; História; Compreensão.

Abstract

This article deals with Hannah Arendt's understanding of history in the phase of *reconciliation with the world*, from 1952 to 1961. The main sources selected were the books *The Human Condition*, from 1958, and *Between Past and Future*, from 1961. We set ourselves the problems of "what is Arendt's understanding of history between 1952 and 1961?" and "what characteristics make up this understanding of history?". With this, we aim to "analyze Hannah Arendt's understanding of history, based on the historiographical contributions drawn from the sources". We have chosen three sets of authors that we think are interesting for discussing the subject. Firstly, Reinhart Koselleck and Walter Benjamin; secondly, Arendt's biographers; and thirdly, the critical fortune of Arendt in Brazil, especially in the field of History. Our methodological framework was made up of borrowings from the categories *ausgrenzung*, *space of experience* and *horizon of expectation*, theorized by Koselleck in the context of the *Begriffsgeschichte* (history of concepts). In addition to these, we added the *stratum of experience* perspective, also from a *koselleckian* perspective, in order to enrich our analysis. In this way, our research has led us to highlight Arendt's understanding of history as: a) the need for a new relationship with the past; b) the formation of factual matter as novelty; and c) the writing of history as a process of reifying *real history* into *narrated history*.

Keywords: Hannah Arendt; History; Understanding.

Resumen

Este artículo trata de la comprensión de la historia por parte de Hannah Arendt en la fase de *reconciliación con el mundo*, de 1952 a 1961. Seleccionamos como fuentes principales los libros *La condición humana*, de 1958, y *Entre pasado y futuro*, de 1961. Nos planteamos los problemas de "¿cuál es la comprensión que Arendt tiene de la historia entre 1952 y 1961?" y "¿qué características conforman esta comprensión de la historia?". Con ello, pretendíamos "analizar la comprensión de la historia por parte de Hannah Arendt, a partir de las aportaciones historiográficas extraídas de las fuentes". Hemos elegido tres grupos de autores que nos parecen interesantes para discutir el tema. En primer lugar, Reinhart Koselleck y Walter Benjamin; en segundo lugar, los biógrafos de Arendt; y en tercer lugar, la fortuna crítica de Arendt en Brasil, especialmente en el campo de la Historia. Nuestro marco metodológico estaba compuesto por préstamos de las categorías *ausgrenzung*, *espacio de experiencia* y *horizonte de expectativa*, teorizadas por Koselleck en el contexto de la *Begriffsgeschichte* (historia de los conceptos). A ellas añadimos la perspectiva del *estrato de experiencia*, también desde una perspectiva *koselleckiana*, con el fin de enriquecer nuestro análisis. De este modo, nuestra investigación nos llevó a destacar la comprensión arendtiana de la historia como: a) la necesidad de una

nueva relación con el pasado; b) la formación de la materia fáctica como novedad; y c) la escritura de la historia como proceso de cosificación de la *historia real* en *historia narrada*.

Palabras clave: Hannah Arendt; Historia; Comprensión.

1. Introdução

Hannah Arendt iniciou sua carreira acadêmica na década de 1920 na Alemanha e veio a receber destaque nos Estados Unidos em 1951 com a publicação de *Origens do totalitarismo*. Com o livro, Arendt se tornou conhecida internacionalmente, dado o caráter aguçado e provocativo de suas análises. Desse modo, foi elevada a figura pública nacional, conquistando no mesmo ano a cidadania estadunidense e deixando oficialmente a condição de *apátrida*.

Em *Origens*, Arendt chegou à consideração de que o advento do Holocausto e do totalitarismo marcaram a ruptura em *living experience* com a tradição. Nessa guisa, ao longo da década de 1950, a pensadora propôs dois projetos de pesquisas buscando verificar a crise e ruptura da tradição. O primeiro projeto foi intitulado *Elementos totalitarismo no marxismo* de 1952 a 1956; e o segundo *Introdução à política* de 1958 a 1961. Ambos resultaram em ensaios teóricos e comunicações que embasaram, posteriormente, os livros *A Condição humana* (1958), *Entre o passado e o futuro* (1961) e *Da Revolução* (1963).

Entre os debates que encarou, Hannah Arendt (2016, p. 56) observou a “oportunidade de olhar sobre o passado com olhos desobstruídos de toda tradição”. Ou seja, pensar o presente sem as categorias/lentes consagradas pela tradição, justamente porque essas perderam seu potencial heurísticos diante de acontecimentos como o Holocausto e o totalitarismo. Dessa forma, Arendt enveredou por discussões paralelas sobre o que é a história e como escrevê-la. Concordando com Aguiar (2001, p. 216), Arendt verificou no ato de “contar histórias” como o “meio mais apropriado de remeter-nos à realidade [do] que os nossos conceitos abstratos [pois esses] não são mais adequados para penetrar e iluminar”.

Todavia, sua compreensão de história não é explícita, o que torna um objeto de estudo para os historiadores interessados em novas compreensões do ofício do historiador, da escrita da história e da teoria da história. A partir dessa temática, realizamos dois recortes iniciais. Primeiro, selecionamos um período da fase da vida e obra da Hannah Arendt, denominado *reconciliação com o mundo* que abrange os idos de 1952 a 1961. Trata-se de um período de intenção inquietude da pensadora sobre as ações humanas, como compreendê-las e como agir no mundo mantendo a responsabilidade política. A segunda cissura incidiu sob os escritos arendtianos, os quais selecionamos *A Condição humana* (Arendt, 2019), publicado em 1958, e *Entre o passado e o futuro* (Arendt, 2016), publicado em 1961, os elevando a categoria de fontes principais. Ambos os recortes foram sustentados nas leituras iniciais que apontaram uma maior quantidade de fragmentos sobre o entendimento de história de Arendt nesse período e nessas obras.

A partir de tais recortes e temática, pusemos uma pesquisa ao programa de mestrado da Universidade Federal do Paraná que problematizou “qual é a compreensão de história de Arendt entre 1952 a 1961?” e “quais características compõem essa compreensão de história?”. Com isso, objetivamos “analisar, a partir das contribuições historiográficas levantadas das fontes, a compreensão de história de Hannah Arendt”.

2. Metodologia

Estruturamos nossa pesquisa em três conjuntos de autores que julgamos interessantes para a discussão temática e, ao mesmo tempo, para que pudéssemos realizar um levantamento bibliográfico profundo do debate no campo da História brasileiro. No primeiro conjunto, colocamos em diálogo com os textos de Arendt as obras de Reinhart Koselleck (1992; 1999; 2006; 2014; 2020; 2021) e Walter Benjamin (1987 2012; 2018; 2020a; 2020b). As noções koselleckianas de inovação e repetição, narrativa e real, aceleração do tempo e fratura, possibilitaram problematizar e averiguar diferentes *estratos* dos fragmentos levantados da compreensão de história de Arendt. Ao passo em que as noções de história, narrador, tempo, *pensar*

poeticamente e progresso de Benjamin, possibilitaram identificar diálogos entre Arendt e Benjamin e *estratos* de reapropriação da obra benjaminiana por Arendt.

Quanto ao segundo conjunto, refere-se as biografias de Arendt. Buscadas, *a priori*, para compreender sua vida panoramicamente, demonstram grandes contribuições para a discussão sobre a história. As principais foram *Por Amor ao mundo* de Young-Bruehl (1997) e *Hannah Arendt* de Courtine-Dénamy (1994). A primeira, pioneira na investigação da vida de Arendt, acrescentou a imagem e o comportamento da pensadora como professora, amiga e cidadã do *mundo*. A segunda, por sua vez, apresentou diferentes experiências da vida de Arendt que a tornaram uma personalidade de muitas identidades. Somando as duas, trouxemos para o debate as biografias *O Gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras. Tomo I Hannah Arendt*, de Julia Kristeva (2002), que expandiu a compreensão de novidade em Arendt; *Nos passos de Hannah Arendt*, de Laure Adler (2007), que se destacou pela sua abordagem ao utilizar história oral para coletar informações; as biografias sintéticas das teses arendtianas, *Hannah Arendt* de Derwent May (1988) e *Hannah Arendt* de David Watson (2001); e a recente biografia *Arendt: entre o amor e o mal*, de Ann Heberlein (2021), que aprofundou a compreensão de *situações-limites*.

Já o terceiro conjunto de autores é referente aos pesquisadores brasileiros. Nesse conjunto, priorizamos historiadores que tomaram a obra de Arendt enquanto fonte histórica, a fim de fomentar o diálogo no âmbito da História. Destacaram-se nesse conjunto Brepohl (2001; 2006; 2007; 2008; 2010; 2013; 2018), Schittino (2009; 2010a; 2010b; 2012; 2019; 2020) e Regiani (2013a; 2013b; 2017; 2018a; 2018b; 2021), pela extensa contribuição dada aos estudos arendtianos, tanto quantitativamente quanto qualitativamente.

Somado a História, o campo da Ciência Política também recebeu destaque no nosso levantamento, devido suas contribuições pioneiras no fomento da fortuna crítica arendtiana no Brasil. Destacaram-se os pensadores Celso Lafer (1988; 2001; 2004; 2005; 2007; 2017; 2018) e André Duarte (2000; 2001; 2004). Lafer devido à extensa contrição intelectual que influenciou todos os campos do saber, além de ter sido o principal agente histórico no processo de recepção e irradiação da obra de Arendt no Brasil. Duarte, por sua vez, destacou-se devido às profundas análises sobre a ruptura com a tradição, *pensar sem corrimão* e às críticas de Arendt a Marx, assuntos que se mostraram fundamentais em nossa pesquisa.

Quanto ao nosso procedimento metodológico de análise, recorreremos a empréstimos de categorias hermenêuticas provenientes da história dos conceitos. Há duas escolas principais, a *Escola de Cambridge* – atualmente chamada de *abordagem colligwoodiana* – e a *Begriffsgeschichte* alemã. Na primeira, Skinner se consolidou como o grande teórico. Seu método foi denominado de *resgate das intenções* (Jasmin, Feres Júnior, 2006, p. 17). Radicalizando o historicismo, Skinner passou a considerar que, de acordo com os historiadores Jasmin e Feres Júnior (2006, p. 17), “para ser válida, uma interpretação deve alcançar algo que o próprio autor aceitaria como uma descrição correta daquilo que ele quis dizer ou fazer”. Seu objetivo, assim, era oferecer uma alternativa metodológica, na qual o historiador não caísse no erro de projetar expectativas do presente sobre autores e textos do passado. Deste modo, pensava em evitar anacronismos.

Já a *Begriffsgeschichte*, à qual nos vinculamos, parte de um historicismo tradicional, mesclando história intelectual e história das ideias. Segundo Koselleck (2020, p. 17), a vertente alemã tem bases formadas durante a década de 1930, com os historiadores Walter Schlesinger e Otto Brunner, deslocando o olhar das intenções subjacentes aos conceitos para “indicar a partir de quando um conceito tornou-se fruto de uma teorização e quanto tempo levou para que isso acontecesse” (Koselleck, 1992, p. 135)¹, de modo que mescla a perspectiva diacrônica e sincrônica na análise conceitual. Koselleck (2020, p. 28) esclarece que no processo de rastrear as mudanças e permanências que um conceito sofreu, “tematiza um vínculo análogo entre o discurso vocalizado, no plano sincrônico, e a linguagem previamente dada e sempre efetiva, no plano diacrônico”. Em outras palavras, no âmbito da *Begriffsgeschichte*, “concentram-se no presente que passou, e não em seu passado” (Koselleck, 1999, p. 11). Na leitura de Motzkin (2006, p. 77), Jasmin e Feres Júnior (2006, p. 23), a vertente koselleckiana trata com os conceitos os

¹ Koselleck (1992, p. 126) defende a hipótese de que “todo conceito é sempre concomitantemente Fato (*Faktor*) e Indicador (*Indikator*). Todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua” (Koselleck, 1992, p. 136).

conflitos políticos, sociais e teóricos do presente do passado, por meio da estratificação de camadas significativas de experiências e expectativas.

Assim, emprestamos as categorias de *ausgrenzung*, *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, teorizadas por Koselleck.² Ao aplicarmos as categorias ao longo de nossa pesquisa, levantamos e analisamos as contribuições historiográficas que compõem a compreensão de história de Arendt.

Por *ausgrenzung* (seleção), Koselleck (1992, p. 137) indica o comando de separação/seleção “daquilo que diz respeito a um conceito daquilo que não diz respeito”. Implica em um verdadeiro procedimento de “catação” de excertos/trechos/frases que contenham, possivelmente, contribuições relevantes para o entendimento da compreensão de história. Já a categoria *espaço de experiência* tem por base a noção de que a “experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento” (Koselleck, 2006, p. 309). Assim, o *espaço de experiência* é a aglomeração de camadas de experiências que se encontram simultaneamente presentes no conceito. A categoria *horizonte de expectativa*, por sua vez, refere-se ao *futuro presente* (Koselleck, 2006). De modo poético, Koselleck (2006, p. 311) descreve a categoria como “aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado”. Assim, o *horizonte de expectativa* refere-se às projeções de futuro que se formam e se encontram presentes no hoje, a partir de um *espaço de experiência*.

Os aspectos levantados pela aplicação das categorias koselleckianas foram organizados e analisados sob a perspectiva de *estrato de experiência*. Segundo Koselleck (1992, p. 141), em todo *tempo histórico* – no caso dos conceitos, categorias e, por último, palavras – encontra-se um emaranhado de experiências e expectativas com diferentes velocidades, ênfase e relevo. A metáfora indica que esse emaranhamento pode ser observado como camadas de apropriação, significação e discursivas. De acordo com Koselleck (2014, p. 19), a metáfora “permite separar analiticamente [e somente na análise histórica] os diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração longa são investigados”. Desse modo, a metáfora é empregada com o intuito de separar analiticamente experiências, expectativas, intuítos e objetivos distintos na compreensão de história de Arendt.

Para enriquecer o conteúdo a ser analisado sob a perspectiva de *estrato de experiência*, optamos pela aplicação taxonômica elaborada por Barros (2019). De acordo com o historiador, temos quatro pilares para inquirir as fontes, quais sejam: a) posição; b) intencionalidade; c) qualidade; d) seriedade.

O primeiro refere-se à distância ou proximidade das fontes com o problema e acontecimento analisado. Já a segunda categoria, intencionalidade, “ocupa-se basicamente de lançar uma indagação sobre as condições de produção de determinada fonte” (Barros, 2019, p. 41). Quanto à categoria de qualidade, refere-se ao material e linguagem da fonte. Por fim, a categoria de seriedade diz respeito aos aspectos semelhantes e divergentes que colocam a fonte em um processo de continuidade ou de descontinuidade referente à problemática posta. Ao verificarmos as informações exigidas por essas categorias, conseguimos enriquecer a análise dos *estratos de experiências*.

Mesmo utilizando um aporte metodológico fundamentado em Koselleck, não visamos a rastrear as rupturas e permanências de um possível conceito de história de Hannah Arendt. Além disso, analisamos as contribuições historiográficas de 1952 a 1961, investindo mais no âmbito sincrônico das fontes. Mesmo assim, Arendt julgaria nossa escolha metodológica como demasiadamente estruturante, haja visto o fato de pensar pela perspectiva da irrupção, em vez da estratificação de experiências. Todavia, nosso foco não é o diálogo entre ambos, nem escolher uma metodologia que a própria pensadora

² Atualmente, a obra de Koselleck vem sendo aprofundada no eixo reflexivo denominado *regimes de historicidade* que investiga a experiência do tempo, ou seja, investiga como os sujeitos se relacionavam com o passado, presente e futuro. Grande estudioso da área e dos eixos próximos aos regimes de historicidade, tal como *metafísica do tempo natural*, *metafísica do tempo histórico* e *regimes historiográficos*, é o teórico brasileiro Dr. Hélio Cardoso Junior da UNESPAR.

concordasse. Apostamos na potencialidade da análise koselleckiana para desdobrar diferentes experiências subjacentes às contribuições historiográficas de Arendt, tais como seus vínculos com a antiguidade greco-romana, Agostinho, Jaspers, Heidegger e Benjamin.

3. Resultados e Discussão

Hannah Arendt presa pela Gestapo em 1933, percebeu que sua vida corria perigo, o que a levou a iniciar um período de dezoito anos sem direitos civis, políticos e um lugar para chamar de seu. Fugindo para a França nesse ano, a pensadora estabeleceu uma rede de amigos sólida e conheceu Heinrich Blücher, conseguindo preservar seu contexto emocional e reflexivo.

Na França, não escapou do internamento, sendo levada para o Campo de Gurs, em 1939, de onde conseguiu escapar devido a capitulação do Estado pelos alemães. De lá, seguiu em busca de uma nova terra, deixando a França via Marselha, passando pela Espanha e Portugal até conseguir entrar nos Estados Unidos em 1941. Sua experiência como *apátrida* se consolidou quanto *locus* reflexivo da ruptura e estatura humana.

Desse *locus*, verificamos que Arendt identificou na condição de *apátrida* a ruptura com o status tradicional de refugiado. Os *apátridas* não haviam cometido nenhum ato ou tido algum discurso politicamente radical (Amiel, 1996, p. 25), e se caracterizavam pelos grandes contingentes de pessoas que perderam a proteção e reconhecimento do governo de origem. Sem proteção jurídica de origem ou no país que estavam, os *apátridas* sobreviviam à margem de qualquer lei que pudesse garantir direitos ou deveres. Indesejáveis, o direito de estabelecer um novo lar onde se encontravam lhes foi roubado. Concomitantemente, a revelação das personalidades individuais estava corroída, já que não podiam se expressar espontaneamente e compartilhar suas emoções.

Observamos que para Arendt a tradição que sintetizou, ordenou, separou e categorizou determinadas experiências passadas em um arcabouço teórico e interpretativo para os homens, já não conseguia compreender integralmente a situação factual dos *apátridas*. Assim, Arendt verificou que a tradição fundada por Platão no século V a.C. que diferenciou política de pensamento e foi a responsável por guiar gerações sob um fio compreensível, havia sofrido contestações e sido rompida factualmente.

A pensadora elencou três fenômenos que profundamente influenciaram a contestação da tradição quanto processo de transmissão e interpretação do *mundo*: a) aceleração das transformações; b) a radicalização do platonismo; e c) a introdução da noção de progresso na história.

O primeiro fenômeno – devedor da Revolução Industrial – designa o alto quantitativo de inovações tecnológicas que o *mundo* estava presenciando. Ao passo que aponta para o encurtamento do período de apropriação de novas experiências (Koselleck, 2006, p. 36). Isso acarretou na diminuição de novos exemplos e orientações capazes de fornecer subsídios plausíveis aos novos acontecimentos (Arendt, 2016, p. 32).

Já a cisão entre *vita contemplativa* e *vita activa* aberta por Platão foi radicalizada no início do século XX. Arendt pontuou que a política passou a ser vista como um conjunto de regras para a manutenção do bom convívio e de um espaço seguro para os investimentos da burguesia, enquanto que o pensamento foi isolado em abstrações e teorias sem vínculo com a realidade, tornando tanto a política e o pensamento sem significados humanos (Arendt, 2016, p. 68).

Ambos os fenômenos convergiram para a consolidação da noção de progresso e causa-efeito na discussão sobre os assuntos humanos. A noção de causa-efeito, situou a humanidade no tempo homogêneo, enquanto que a noção de progresso determinou os acontecimentos passados e futuro sob a perspectiva de uma eterna evolução. Evidenciamos que para Arendt o progresso modificou a concepção de história contemporânea que passou a observar as experiências como estágios de um

processo linear, um fardo para o progresso e situadas em estruturas que suprimiam os atores dos acontecimentos (Arendt, 2019, p. 305).

Implicitamente, Arendt compreendeu os três fenômenos supracitados como contestações da tradição e componentes do fim no âmbito teórico. Ao mesmo tempo, a pensadora analisou as obras de Kierkegaard, Nietzsche e Marx como contestações teóricas limites da tradição.

Ao verificarmos os comentários de Arendt a respeito de Marx, destacamos três predições ressaltadas pela pensadora: a) o trabalho cria o homem; b) a violência é a parteira da história; e c) o trabalho herdará a filosofia. Na primeira, Marx inverteu a noção clássica de Deus como criador e provedor da dignidade humana para o homem como provedor, por meio do trabalhar, da sua criação e dignidade. A segunda inverteu a concepção clássica da violência ligada à tirania e à destruição para transformadora da sociedade. Marx elevou o status da violência para motor da história que determinaria o surgimento dos eventos. Já na terceira, Marx suprimiu a dicotomia clássica entre trabalho e filosofia. Aglutinou ambas sob a perspectiva de que os trabalhadores se tornaram todos especializados e que as funções políticas e filosóficas seriam meros atos burocráticos, podendo todos executar. Tais predições, segundo Arendt, colocaram um fim à autoridade que a tradição exercia sobre os homens.

Todavia, Arendt observou falhas nas predições que podem ser elencadas nas problemáticas de: a) se o trabalho cria o homem, o que aconteceria quando o próprio trabalho for abolido, quando a luta de classes se encerrar e a humanidade socializada for atingida?; b) quando a luta de classes atingir seu fim, que história teríamos?; e c) com a aglutinação entre filosofar e trabalhar, que tipo de pensamento restaria no *mundo*? No que toca à nossa temática, tais apontamentos feitos por Arendt evidenciam a oposição da pensadora a noção de motor (visível e invisível) da história, da violência como constante necessária para a fundação dos acontecimentos e de estruturas que suprimiriam o pensamento e a espontaneidade dos homens.

Verificando em Marx o fim da tradição no âmbito teórico, Arendt passou a analisar a ruptura com a tradição no nível factual. Além da condição de *apátrida*, Arendt evidenciou a ruptura dos homens de sua vida pública e privada no seio do totalitarismo. Primeiro, o isolamento dos homens acarretou na perda de espaço público, corroendo a ação e o discurso em prol do *mundo* (Lafer, 1988, p. 28; Duarte, 2000, p. 57). Não agindo mais em concerto, os homens se voltaram para o espaço privado, mas essa também havia sido comprometida (Duarte, 2000, p. 56).

O espaço interno, descrito como consciência, onde ocorre o diálogo do *eu-comigo-mesmo*, foi suprimido. As atividades associativas como pensar, julgar, imaginar e representar foram deterioradas, potencializando o processo de *desolação* dos homens. Impossibilitados de manterem o diálogo consigo próprio, tiveram suas vidas privadas e públicas deturpadas.

Entregues ao isolamento e a desolação, os homens sofreram três homicídios. Para Arendt, primeiro a pessoa jurídica era assassinada pela redução dos homens à condição de *apátridas*, tornando-se meros exemplares da espécie. (Lafer, 1988, p. 15) Após, seguia-se como a morte moral, momento que a ética e a moral desaparecem perante a sistemática tortura e humilhação (Levi, 1988, p. 70). Por fim, o homicídio da personalidade obliterava a espontaneidade e singularidade dos homens. Seus nomes, suas forças decisórias, sua espontaneidade e até o sentido da morte lhes eram retirados (Duarte, 2000, p. 70). Assim, Arendt conclui que o totalitarismo e o Holocausto romperam em *living experience* com a tradição.

Sem precedentes, a ruptura com a tradição impulsionou Arendt a estabelecer a orientação de “pensar sem corrimão”. Pelo termo, designou a leitura do presente e a releitura do passado, a partir de experiências e distante de padrões teóricos deterministas/estruturalistas (Lafer, 1988, p. 302). Empenhou-se em narrar as experiências por novos vieses, sem se situar em categorias restritivas, o que indica que sua compreensão de história está afastada da tradição, da perspectiva nostálgica, de sistemas estruturalistas, teorias/noções abstratas e deterministas (Adler, 2007, p. 117).

Focando nas experiências, Arendt preocupou-se com a formação da matéria factual. O complexo da *vita activa* foi tomado por Arendt como grande cerne da discussão, distinguindo as condições humanas da vida, mundanidade e pluralidade. Destaque para as duas últimas na formação da matéria histórica.

A mundanidade tem por atividade a obra que designa a fabricação de objetos úteis e duráveis a partir da Natureza (Arendt, 2019, p. 9). Os objetos detêm uma certa durabilidade que é desgastada devido as intempéries do ambiente e uso feito. Podem ficar restringidos a vida privada, mas na medida que são introduzidos a vida pública, tornam-se condicionares dos homens.

O responsável por levar a cabo a atividade da obra é o *homo faber*. Situado em solidão, afastado do espaço público, o *homo faber* fabrica objetos duráveis úteis. Porém, não se encontra em *desolação*, pelo contrário, notamos que a pensadora evidencia que o *homo faber* está inserido no *mun-do comum* e com ele interage, principalmente quando apresenta aos demais seus produtos. A fabricação está transcrita em um começo definido e um final previsível (Arendt, 2019, p. 178). Parte da matéria da Natureza, a transformando, se colocando como senhor da Terra. Ademais, prevê o final do processo no produto imaginado, colocando-se como senhor de si próprio, devido seu autocontrole no processo.

Distinta situação da condição humana da pluralidade que se assenta sob seu próprio paradoxo, como todos iguais quanto seres humanos e distintos devido cada um ser singular (Arendt, 2019, p. 10). Pela natalidade, introduzimos ao *mun-do* a novidade. Após, na medida que tomamos consciência da nossa mortalidade, compreendemos que somos mortais em um cosmo imortal. De acordo com nossa análise, observamos que Arendt se pautou em um *estrato de experiência* agostiniano que coloca a distinção entre *principium* e *initium*, entre o nascimento da Natureza e o nascimento dos homens (historicidade) (Santos, 2015, p. 37).

Nosso nascimento e nossa compreensão de mortalidade, levaram para Arendt a confirmação da *bíos*. Esse *estrato* aponta para o fato que entre o nascimento e a morte acumulamos experiências que podem ser lembradas, refletidas, compreendidas e narradas em uma história de vida com começo e fim. Nossas experiências são fundadas por meio da ação que consiste, simultaneamente, em iniciar e apoiar algo. Os homens, e não o homem, agem e discursam, se mostrando-os e reconhecendo-os publicamente. Nesta interrelação, a ação resulta para Arendt em um conjunto de produtos que se caracterizam pelos *estratos* da imprevisibilidade e irreversibilidade (Arendt, 2019, p. 220).

Devido a ação sempre ocorrer na pluralidade e nunca gerar uma consequência, mas uma *re-ação*, Arendt indicou que seu desdobramento é calcado na imprevisibilidade. Não estamos aptos a rastrear todas as variáveis possíveis devido a pluralidade de seres singulares agindo em conjunto (Arendt, 2016, p. 187). Logo, toda ação aparece no *mun-do comum* como novidade. Na mesma medida que a ação funda a novidade, Arendt aponta que algo se consolida. Os produtos da ação adentram no passado, caindo no domínio da irreversibilidade, não podendo mais serem desditos. Os *estratos* da imprevisibilidade e da irreversibilidade não são contraditórios, muito pelo contrário, encontram-se no cerne de todo produto da ação. Isso demonstra que a compreensão de fundação da matéria factual arendtiana leva em consideração a relação entre os homens e a intersubjetividade que os liga ao *mun-do comum*.

Esse *mun-do comum* para Arendt é o espaço de aparência, onde os homens aparecem uns aos outros quanto homens de ação. A pensadora se pautou no *estrato de experiência* da *pólis* grega, remetendo a síntese de “onde fores serão uma *pólis*” (Arendt, 2019, p. 246). Portanto, o *mun-do* é fundamentalmente intangível, pois se constitui onde quer que existam homens na modalidade de ação.

Arendt não discordou da perspectiva que o *mun-do* é formado por objetos materiais, tais como leis, urnas, cadeiras, espaços, etc. Entretanto, ao se aproximar da experiência da *pólis*, pontuou que o *mun-do comum* é um composto de objetos materiais e relações intangíveis que preservam um local propício para a novidade florescer. Assim, podemos afirmar que

Arendt compreende a história como novidade que somente é fundada em um espaço de permanência (Schittino, 2009). Logo, a história é formada por novidade que são fundadas em um espaço de permanência que é o *mundo*.

Ao participarem no *mundo comum* na modalidade de ação, os homens modificam sua prioridade, deslocando o foco de seus interesses pessoais para o interesse coletivo em preservar o *mundo* (Arendt, 2016, p. 203). Agindo neste meio, os homens se colocam abertos as críticas, julgamentos e questionamentos. Reside um *estrato de experiência* de heroísmo homérico na concepção de inserção do *mundo*. Por heroísmo Arendt compreendeu o ímpeto de cada vida singular se colocar em público, mostrando interesse e responsabilidade com o *mundo*, com a Terra e com a revelação da própria personalidade, seu *quem*.

Desse modo, verificamos que para Arendt a ação funda acontecimentos, eventos, atos, discursos e a *revelação do quem* que são os produtos da ação. Tais produtos, diante da imortalidade e do tempo homogêneo, se assemelham a milagres e irrupções.

Por milagre a pensadora ressaltou o *estrato* da imprevisibilidade da ação. Tudo que aconteceu poderia ter acontecido de modo diferente, sendo um milagre o ocorrido ter acontecido. Já por irrupção, Arendt chamava atenção para o *estrato* da imprevisibilidade e irreversibilidade dos produtos da ação. Face a Natureza imortal e o tempo homogêneo, apresentar ao *mundo* atualizar o *mundo comum* com a novidade significa irromper na cadeia de causas-efeitos (Duarte, 2000, p. 234).

Desse modo, é cabível afirmar que Arendt compreende a história como narrativa de milagres fundados no *mundo comum* que irromperam a estrutura do tempo homogêneo e imortalidade do cosmo. Arendt contrariou a noção de história estrutural, pelo argumento que todos os produtos da ação são fundados a partir da contingência e permanecem ligados a tal *estrato*. Assim, aplicar a noção de causa-efeito em produtos que são singulares, irreversíveis e nasceram da imprevisibilidade é deturpar a matéria factual por meio de uma racionalização anacrônica e abstrata desprovida de ligações sérias com a matéria factual (Regiani, 2013a). Por isso que Arendt dispensou a História com H maiúsculo, pois em seu tempo designava o *Zeitgeist*, os motores/espíritos de paradigmas como materialismo histórico, positivismo e filosofias da história que ou pré-determinavam os acontecimentos, ou suprimiam os homens em estruturas.

Arendt, contornando tais noções deterministas e estruturantes, agregou a matéria factual do *mundo comum* no termo *história real* (Arendt, 2016). Após, propôs um processo de reificação da *história real* em *narrada* que preservasse os *estratos* originais da ação, tais como a imprevisibilidade, a irreversibilidade, a intersubjetividade e a titulação da experiência. Pontuou que a *história real* é fútil e efêmera, a qual não necessita ocorrer e, no momento que aparece, se fecha no passado não deixando nada de tangível. Por isso, a *história real* necessita da ajuda do *homo faber* para ser preservada.

Constatamos que o processo de reificação para Arendt ocorre em duas instâncias: memória e narrativa (Arendt, 2016, p. 78). Na primeira, os fragmentos da *história real* sofrem uma *transformação marinha* que pelo trabalho da rememoração, cristaliza reminiscências do vivido em *pérolas e corais*. Todo ato de lembrar é um ato contínuo de reviver e transformar os fragmentos da *história real* que chegaram ao presente. Ao passo que toda lembrança lança luz sobre o momento de outrora que foi contingencial, mas ao lembrar já se mostra irreversível. Todo ato parte de um homem situado no presente, mas que se afasta momentaneamente do *mundo* e adentra em um espaço intangível e atemporal em que trabalha com fragmentos de *não-mais* e *não-ainda* (Lafer, 1988, p. 290).

Arendt denominou esse lugar de lacuna, o espaço situado na atividade do pensar onde as atividades associativas como o julgar, imaginar, lembrar e *re-apresentar* encontram sua morada (Brepohl, 2013, p. 51). Interessante pontuarmos que tal como a ação se apresenta perante o *mundo* como uma irrupção da continuidade histórica, o ato de lembrar também irrompe com a ordem linear entre passado-presente-futuro, pois estabelece diálogos entre os três campos hermenêuticos.

A concepção de Arendt da lacuna quanto primeira instância do processo de reificação foi embasada a partir da parábola *He* de Kafka e da imagem do Anjo da história de Benjamin. Proveniente da reflexão de ambos os *estratos*, Arendt

sustentou a noção do passado e futuro quanto forças conflitantes que nunca chegam a se chocar, justamente porque entre ambas reside o homem (Benjamin, 2012, p. 38-39).

Com isso, indicou que a divisão hermenêutica do tempo somente pode ser pensada se houver a figura do homem na intersecção. A pensadora situou o passado como força responsável em impelir os homens a se dirigirem para o futuro e o futuro o inverso, contrariando a noção da história moderna de progresso e premissa evolucionista dos acontecimentos humanos (Arendt, 2016, p. 37). Rejeitando a noção do passado quanto fardo e retrogrado, propôs a concepção do passado quanto força e depositário das novidades humanas. Assim reforçando sua concepção da *história real* quanto conjunto de fragmentos singulares.

Ao passo, observamos que para Arendt a retirada do homem para a lacuna é um processo dialético e não estanque como propôs Platão. O homem parte da experiência para pensar e, após, retorna ao *mundo* para comunicar sua elaboração do vivido no formato de narrativa. Inicia-se então a segunda instância (Arendt, 2016, p. 41).

A narrativa continuará a elaboração daquilo que foi cristalizado e legado como *pérolas e corais* da *história real* (Benjamin, 1987, p. 235). Acrescentará no processo o *estrato* da tangibilidade e com isso a estabilidade, durabilidade e permanência. Tais *estratos* somente são possíveis porque a narrativa resulta no acabamento material dos produtos da ação que são intangíveis.

O responsável e melhor habilitado para proceder nesta instância é o contador de histórias, um *tipo especial de homo faber*. O interessante desta compreensão de Arendt é que aponta para a distinção entre ator e espectador que no fundo leva a concepção da fundação da matéria factual pelos homens de ação e a escrita dessa pelo *homo faber*.

Porém, tal distinção por nós ressaltada é um efeito de nossa análise, justamente porque Arendt afirmou que na vivência, o homem é tanto um *animal laborans*, um *homo faber* e um homem de ação, se diferenciando conforme a ênfase dada em um determinado momento a uma atividade. Dessa forma, o contador de histórias, mesmo trabalhando *ex post facto*, não se isola ou foge do próprio *mundo*, a não ser no momento da escrita. Seu intuito é para Arendt “dizer o que é”, o que remete ao *estrato de experiência* de Heródoto, ou seja, a base da escrita da história (Arendt, 2019, p. 238).

Seguindo esse objetivo, o contador de histórias arendtiano desempenhará duas posturas complementares: *Denkmal* e *pescador de pérolas*. Com relação a primeira, o contador pela narrativa dará continuidade na transformação da *história real* em *narrada*, buscando preservar e revelar os sentidos dos atos. Sua narrativa comporta-se como monumento que dá um testemunho do que aconteceu, ou seja, “diz o que foi” (Arendt, 2016c, p. 96).

Seu testemunho vincula-se ao debate da imparcialidade, ao invés da objetividade (Brepohl, 2006). Para Arendt, a objetividade no campo da História é uma falácia deturpadora do vivido, devido a existência do *estrato* da imprevisibilidade. Assim, Arendt contrariou a perspectiva de Homero de que certos acontecimentos seriam autoevidentes por si próprios, o que no limiar tornaria o contador de histórias um mero descritor. Arendt compreendia a escrita da história com o uso de problemáticas e ferramentas úteis para o resgate, preservação e revelação dos sentidos da *história real*, pontuando a importância do contador no processo.

Ao mesmo tempo, Arendt não situou a narrativa como mera descrição de nexos causais e estruturais característicos da historiografia do início do século XX. Preferiu narrar as experiências dos homens, pois essas carregam significados para todas as gerações, contando seus sofrimentos e feitos.

Assim, deslocou seu interesse para o *estrato* da imparcialidade advinda de Tucídides. Indicou que o contador deveria narrar imparcialmente o vivido, ressaltando a contingência e irreversibilidade (Aguiar, 2001, p. 220). Caso a *história real* focada clamasse por lágrimas ou raiva, a escrita deveria se incumbir de registrar. Podemos afirmar que a compreensão de história de Arendt tem por *horizonte de expectativa* o fomento de opiniões, reflexões e julgamentos por parte dos leitores, os quais depende de uma postura testemunhal imparcial do contador (Ribas, 2010, p. 113).

Além disso, o contador de histórias deveria assumir para Arendt a postura do *pescador de pérolas*. Descendo nas valas da tradição, o *pescador* resgataria e reaveria *pérolas* e *corais* que a memória preservou de algum modo na linguagem (Benjamin, 1987, p. 12). Revisando a escrita, o *pescador* encontraria os pontos de cristalização de experiências e daria continuidade na transformação via narrativa. Traria ao *mundo comum* significados, rompendo com a escrita da história calcada na padronização, em estruturas e nexos causais.

Observamos duas grandes ferramentas que o *pescador de pérolas* arendtiano fez uso: o método de citação e o ensaio biográfico. O primeiro, tributário de Benjamin, concebe na citação o papel substituto da tradição em transmitir a *história real*. O método de citação situa-se entre a lembrança e a narrativa no processo de reificação, pois sintetiza uma recordação e prepara o início de uma narrativa ao escrever uma sentença, situando-se como ponte de ligação entre o passado e o presente (Arendt, 2016). Tanto que o conjunto de citações forma um afresco que não está afundado no passado, mas expõem uma nova constelação no presente.

Já a ferramenta do ensaio biográfico foi uma opção própria de Arendt para registrar e preservar a *revelação do quem*. Como o *quem* somente aparece por meio de ações e discursos *ex post facto* pela compreensão do outro, o ensaio biográfico visa ressaltar tais momentos em que o homem estava empenhado no *mundo comum*. Ao passo que resgata a postura do *Denkmal* em dar testemunho do que tal pessoa fez e disse. Dessa forma, Arendt entendia que seria preservado as características fundamentais da ação, como a espontaneidade, a imprevisibilidade, a novidade e a irreversibilidade sem correr o risco de cair em um processo de descrição da subjetividade (Silveira, 2019, p. 147).

Com ambas as posturas, de *Denkmal* e do *pescador de pérolas*, o contador de histórias arendtiano daria o devido acabamento ao processo de reificação da *história real* em *narrada*. Neste acabamento, verificamos que o contador salva tanto o acontecimento, quanto a si mesmo da condição de mero *homo faber*.

Como um *homo faber*, o contador de histórias observa sua matéria como determinada no sentido de ser o que é, o que implica no reconhecimento da irreversibilidade da *história real*. Ao passo que compartilha da visão de conjunto da fabricação, onde estabelece um início e um final; e transforma a matéria em algo durável, estável e com permanência (Arendt, 2016).

Todavia, o contador não confunde utilidade com significado. Mesmo sua narrativa podendo ser útil, não possui este como propósito. A utilidade implica em algo determinado na sua inteireza, enquanto que o contador vê sua matéria como determinada somente no sentido de fundação, mas não de conteúdo (Arendt, 2019, p. 177). Preservar sua contingência e sua irreversibilidade simultaneamente, buscando trazer a luz aquilo que estava oculto no momento da ação. Desta distinção, o contador opta pela reificação em detrimento da fabricação. Ao invés de transformar algo tangível em outro, o contador arendtiano parte do intangível para algo tangível. Enquanto a fabricação dá ênfase na ligação do presente com o futuro, a reificação prioriza a ligação presente e passado para então se dirigir ao futuro.

Com tais distinções, o contador de histórias arendtiano foge da categoria de meios e fins, a qual somente poderia leva-lo a noção de causa-efeito. Prioriza a revelação do significado da contingência, firmando o primeiro *estrato* da redenção. Já o segundo *estrato* é decorrente do *olhar retrospectivo* que o contador lança sobre sua matéria. Devido a ação somente ser completada *ex post facto*, o que implica na afirmação de que seu significado somente se mostra *a posteriori*, o contador necessita observar em retrospecto. De acordo com Arendt, isso fez o contador lançar um *olhar retrospectivo* tentando abordar o oculto e, por meio de suas ferramentas narrativas e posturas, *re-apresentar o fluxo vivo da ação* de outrora (Brepohl, 2008, p. 3). Desse modo, o contador se diferencia do *homo faber* que se liga com a matéria natural, haja vista que ele se vincula fortemente com a ação que é de origem humana. Arendt então desloca a escrita da regi do fabricar para o compreender.

De ambos os *estratos*, outros dois são abertos: o diálogo entre gerações e a inspiração pela história. Ao *re-apresentar o fluxo vivo da ação*, a pensadora evidenciava que o passado não estava morto e nem se quer era passado (Arendt,

2016, p. 37). Destarte, Arendt fundava um espaço narrativo onde os homens de outrora poderiam se comunicar com os leitores, transmitindo experiências. Algo impensável para um *homo faber* comum que visa somente a utilidade dos produtos. Firmando esse diálogo entre gerações, o contador cria as condições fundamentais para uma nova ação surgir no *mundo*. O contador que nunca age, propicia pela criação do espaço de diálogo a inspiração de uma nova ação no presente. Impelidos pelos homens do passado, os do presente podem fundar uma nova ação graças a inspiração via narrativa (Folgueral, 2020, p. 19-20).

4. Considerações Finais

Desse modo, podemos considerar que a compreensão de história de Arendt visa a reconciliação com o vivido e herdado por meio de um processo de compreensão que está no seio do processo de reificação. Diante do caos dos produtos da ação, o ato de narrar a história se mostra como meio de revelar, registrar e dar sentido, um acabamento a contingência, irreversibilidade e significado dos fragmentos da *história real*.

A compreensão de história de Arendt almeja então a compreensão da novidade. Distinto de conhecimento científico e informação correta, a história pelo viés da compreensão busca os sentidos dos atos. Como o *mundo comum* está constantemente sendo atualizado pelas novidades de cada ação, acumula-se periodicamente produtos da ação com seus significados ocultos esperando o *pescador de pérolas, ex post facto* pelo *olhar retrospectivo* e *re-apresentação* dar o devido acabamento, isto é, interpretá-los e revelar, registrar e dotar os sentidos. Dar o testemunho do que aconteceu como *Denkmal*.

Então a escrita da história para Arendt não é um processo de privação de emoções, sentimentos e supressão de situações calamitosas recorrendo a paradigmas, teorias e noções deterministas. Trata-se de uma atividade em aberto, na qual o essencial é a base, ou seja, a experiência.

Ela considera o ocorrido em sua experiência, quanto um fato do *mundo*, realizado por homens que podem pensar e agir; que são detentores de certa liberdade e espontaneidade; e, principalmente, são responsáveis por seus atos e discursos. Compreender um passado sensível, com sentimentos diversos envolvidos, implica para a pensadora em manter viva a memória de que algo errado aconteceu e necessita ser refletido, julgado e combatido.

Compreender é conhecer, aceitar e suportar para então pavimentar uma nova relação nesse *mundo*. Reconciliar com o *mundo* em toda sua imperfeição, demonstra que a história para Arendt é uma categoria que leva ao aprofundamento de nosso sentimento de pertencimento. Mesmo com a ruptura com a tradição, com acontecimentos tão calamitosos quanto o totalitarismo e Holocausto, ainda assim necessitamos empreender uma narrativa, reificar o vivido em narrado, justamente porque assim assumimos a responsabilidade para com o *mundo*, com a preservação da nossa profundidade humana e reivindicamos o *mundo* como nossa casa.

Possivelmente, essa é a contribuição historiográfica de maior relevância para o ofício do historiador, pensar na nossa narrativa para além do utilitarismo e objetivismo. Pensarmos uma escrita da história que mantenha as características da matéria factual e reivindique ser uma nova relação com o passado que preserve a pluralidade, o *mundo* e o diálogo intersubjetivo entre gerações. Ao dizer o que foi, *re-apresentamos* o fluxo de outrora e, assim, podemos revelar o oculto, dotar de significado as experiências, pavimentar o solo para novas ações e inspirar uma nova ação no presente.

Podemos afirmar que a compreensão de história de Arendt é muito mais complexa do que nossa análise evidenciou, justamente pelo fato que realizemos um recorte muito específico de fontes (textos). Ao optarmos pelo período da *reconciliação com o mundo*, priorizemos o momento histórico que Arendt estava focada na ligação entre fenomenologia e acontecimentos factuais. A título de exemplo, caso tivéssemos optado pela temporalidade de 1962 a 1975, nossa análise com certeza teria ressaltado as atividades humanas do pensar, querer e julgar, além do acontecimento do julgamento de Adolf Eichmann. Dessa

forma, a temática da compreensão de história de Hannah Arendt permanece um horizonte investigativo para outros historiadores, ao invés de ser uma temática estanque.

Referências

- Arendt, H. (2019). *A Condição humana*. Forense Universitária.
- Arendt, H. (2016). *Entre o passado e o futuro*. Perspectiva.
- Adler, L. (2007). *Nos passos de Hannah Arendt*. Record.
- Aguiar, O. A. (2001). *Pensamento e narração em Hannah Arendt*. Ed. UFMG.
- Amiel, A. (1996). *Hannah Arendt, política e acontecimento*. Instituto Piaget.
- Barros, J. D'A. (2019). *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Vozes.
- Benjamin, W. (2020a). *O anjo da história*. Autêntica.
- Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense.
- Benjamin, W. (2018). *A arte de contar histórias*. Hedra.
- Benjamin, W. (1987). *Obras escolhidas II*. Brasiliense.
- Benjamin, W. (2020b). *Sobre o conceito de história: o manuscrito de Hannah Arendt*. Alameda.
- Brepohl, M. (2018). A paixão militante, os escritos de Hannah Arendt sobre o eu revolucionário. *História: Questões & Debates*, 66(2), 203-224.
- Brepohl, M. (2008). Hannah Arendt e suas suspeitas ao método histórico: excelência da ação. *A Condição humana: 50 anos*, UFPR, 1-12. https://www.academia.edu/32007068/Hannah_Arendt_e_as_desaven%C3%A7as_com_a_historiografia_de_seu_tempo.pdf.
- Brepohl, M. (2010). *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945*. EDUFU.
- Brepohl, M. (2006). Memória e História: Hannah Arendt em diálogo com Walter Benjamin. *Estudos Ibero-Americanos*, 32(2), 49-60.
- Brepohl, M. (2007). O Enamoramento e a separação dos amantes nos Cadernos de pensamento de Hannah Arendt. *História: Questões & Debates*, 46(1), 69-89.
- Brepohl, M. (2001). Pensamento e ação na obra de Hannah Arendt. *História & Perspectivas*, 1 (24), 27-38.
- Brepohl, M. (2001). *Testemunho, memória, fonte e história*. Ed. UFPR, 2013.
- Courtine-Dénamy, S. (1994). *Hannah Arendt*. Instituto Piaget.
- Duarte, A (2001). *Hannah Arendt entre Heidegger e Benjamin: a crítica da tradição e a recuperação da origem da política*. Ed. UFMG.
- Duarte, A (2000). *O Pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. Paz e Terra.
- Duarte, A., Lopreato, C., & Brepohl, M. (2004). *A Banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Relume Dumará.
- Folgueral, M. A. (2020). Rupturas na continuidade histórica e ação política: diálogos entre Hannah Arendt e Walter Benjamin. *Trilhas da História*, 10 (18), 17-32.
- Heberlein, A. (2021). *Arendt: entre o amor e o mal: uma biografia*. Companhia das Letras.
- Jasmin, M. G., & Feres Júnior, J. (2006). *História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual*. Ed. PUC-Rio. Ed. Loyola. Ed. IUPERJ.
- Koselleck, R. (1999). *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Ed. EDUERJ. Ed. Contraponto.
- Koselleck, R. (2014). *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Contraponto.
- Koselleck, R. (2006). *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Contraponto.
- Koselleck, R. (2020). *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Contraponto.
- Koselleck, R. (1992). Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, 5(10), 134-146.
- Koselleck, R. (2021). *Uma Latente filosofia do tempo*. Ed. Unesp.
- Kristeva, J. (2002). *O Gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras*. Tomo I Hannah Arendt. Rocco.
- Lafer, C. (2007). *A Política e a condição humana*. Forense Universitária.

- Lafer, C. (1988). *A Reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. Companhia das Letras.
- Lafer, C. (2017). Hannah Arendt: 110 anos. *Revista Brasileira*, 6(90), 73-76.
- Lafer, C. (2018). *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. Paz e Terra.
- Lafer, C. (2005). *Hannah Arendt, totalitarismo e anti-semitismo*. Relume Dumará.
- Lafer, C. (2004). *Na Confluência entre o pensar e o agir: sobre uma experiência com os conceitos de Hannah Arendt*. Relume Dumará.
- Lafer, C. (2001). *Reflexões de um antigo aluno de Hannah Arendt sobre o conteúdo, a recepção e o legado de sua obra, no 25º aniversário de sua morte*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Levi, P. (1988). *É Isto um homem?* Rocco.
- May, D. (1988). *Hannah Arendt: a notável pensadora que lançou uma nova luz sobre as crises do século XX*. Casa-Maria Editorial.
- Motzkin, G. (2006). *A Intuição de Koselleck acerca do tempo na história*. Ed. PUC-Rio. Ed. Loyola. Ed. IUPERJ.
- Regiani, A. R. (2021). A Narrativa biográfica de Hannah Arendt: Isak Dinesen. *Semana de História*, 20(1), 11-23.
- Regiani, A. R. (2018a). A Recepção do Holocausto na América: os artigos de Hannah Arendt na *Partisan Review* e a elaboração de Origens do totalitarismo. *Faces de Clío*, 4 (8), 1-19.
- Regiani, A. R. (2013a). Contribuições filosóficas de Hannah Arendt para a historiografia contemporânea. *Kalagatos*, 10(19), 13-33.
- Regiani, A. R. (2013b). Entre a Geschichte e a antinomia do passado: o conceito de ação na “teoria da história” de Hannah Arendt. *Revista Expedições*, 4 (1) 217-230.
- Regiani, A. R. (2017). Hannah Arendt e o método contingente: o procedimento narrativo. *Porangatu*, 6(1), 184-205.
- Regiani, A. R. (2018b). *O Pensamento sem corrimões: a crise da tradição e a teoria política de Hannah Arendt*. Dissertação de mestrado em História. Universidade de Brasília, Goiás.
- Ribas, C. M. (2010). *Justiça em tempos sombrios: a justiça no pensamento de Hannah Arendt*. Ed. UEPG.
- Santos, C. B. (2015). *Natalidade e Política: Hannah Arendt leitora de Agostinho*. Dissertação de mestrado em História Social da Cultura. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Schittino, R. T. (2012). A Escrita da história e os ensaios biográficos em Hannah Arendt. *História da historiografia*, 5 (9), 38-56.
- Schittino, R. T. (2019). *A Atualidade de Hannah Arendt e a demanda por responsabilização: uma entrevista com Renata Schittino*. <https://hmagazine.com.br/a-Atualidade-de-hannah-arendt-e-a-demanda-por-responsabilizacao-uma-entrevista-com-renata-schittino/>.
- Schittino, R. T. (2010a). *Hannah Arendt e o sentido da história*. Annablume.
- Schittino, R. T. (2020). *História e filosofia: desafios de uma relação*. Editora Milfontes.
- Schittino, R. T. (2010). O Totalitarismo segundo Hannah Arendt. *Fórum Capistrano de Abreu*, 1 (1), 95-110.
- Schittino, R. T. (2009). *Hannah Arendt, a política e a história*. Tese de doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Silveira, B. A. L. (2019). *Hannah Arendt e a História: compreendendo o evento totalitário (1941-1958) [manuscritos]*. Tese de doutorado em História. Universidade Federal de Goiás, Goiás.
- Watson, D. (2001). *Hannah Arendt*. DIFEL.
- Young-Bruehl, E. (1997). *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Relume-Dumará.